

COMÉRCIO

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Bahia Hoje	
Data	11/05/94	
Caderno	Cidades da Bahia I	
Seção		
Assunto	Bairro	

PAULO NEVES

Revitalizar é prioridade no Comércio

SANDRA SALISVÂNIA ♦ REPÓRTER

Quem olha a paisagem da Baía de Todos os Santos e da Ilha de Itaparica, da Praça Municipal, e baixa um pouco a visão, tentando flagrar algo no cotidiano do Comércio, na Cidade Baixa, nem sequer desconfia que no meio de um emaranhado de edifícios e antigos solares uma pequena multidão corre e se atropela num dos mais movimentados centros financeiros da Bahia. São pessoas comuns, entre camelôs, comerciantes, bancários, mendigos e um número reduzido de executivos, sempre apressadas. Muitas já perderam a noção da beleza do local, com vários monumentos seculares e um dos mais belos cartões-postais da cidade.

Para que a área também se torne num espaço privilegiado para essas pessoas o Instituto Miguel Calmon (Imic), junto à Associação Comercial da Bahia, entregou há mais de um ano à prefeitura um Programa de Revitalização do Comércio. O seu

tendência mundial e nacional em repensar os centros das grandes cidades de forma que eles não se tornem tão abandonados após o expediente comercial. Com isso, se antes a ordem era afastar as residências do local de trabalho, atualmente há uma necessidade de reaproximação, até mesmo como forma de dar vida permanente ao lugar e evitar a depredação, citando como exemplo nacional a campanha *Viva o Centro*, do Rio de Janeiro.

Jorge assegura que a execução e financiamento desse programa fica muito mais barato. Recuperar o comércio, que já tem uma boa infra-estrutura, com muitas empresas privadas interessadas em fazer parceria com a administração municipal, é mais viável do que construir novas áreas comerciais. "O que falta aqui é muito pouco e se a prefeitura investisse parte do IPTU que arrecada no local, boa parte dos problemas se resolveria", denunciou.





Uma das mais belas vistas da cidade, o local reúne edifícios modernos e antigos solares

Rua 24 horas, uma opção de lazer

O Programa de Revitalização do comércio da Cidade Baixa incluiu em seu estudo a implantação de um quarteirão 24 horas. Nele, algumas ruas seriam fechadas e pelo menos uma vez por semana seriam palco de manifestações culturais. Segundo Jorge Costa, administrador do Instituto Miguel Calmon e um dos coordenadores do programa, não seria necessário o funcionamento por todo o dia e noite, como acontece na Rua 24 horas de Curitiba. Seria necessário, segundo ele, haver pelo menos alguma atração que possa assegurar o lazer e divertimento até mais tarde da noite.

• Jorge Costa disse, ainda, que

de uns três anos para cá o centro comercial da Cidade Baixa deixou de ser um deserto com o fim do expediente, e algumas ruas, como a da Grécia e Recanto Doce, do Elevador Lacerda, já efetuavam na prática esse projeto, servindo de aquecimento para as noites das sextas-feiras, principalmente no período de Verão. Mal anoitecia, os bares situados nessas ruas enchiam suas calçadas com mesas e cadeiras. Nesse período, alguns restaurantes, que durante o dia vendem refeições, à noite se transformavam em casas de festas, como o *Ver o Peso*, instalado na Rua da Grécia, que oferecia ao público um cardápio recheado com pagode.

A secretária Elisabeth Silvana disse que no Verão facilmente encontrava a turma no calçadão da Rua da Grécia, mas, agora no Inverno, o local não atrai tanto e já há algum tempo ela sai do trabalho direto para casa. "Era divertido, havia uma variedade de pessoas e vestimentas, homens de terno e gravata contrastavam com os costumeiros frequentadores," lembra.

Segundo os comerciantes mais velhos, desde a década de 50 os bares e botecos do Comércio eram frequentados pelo pessoal das Docas, que antes de irem à Ladeira da Montanha, reduto de prostituição da época, sempre tomavam a primeira geladinho na Cidade Baixa.

VALTER PONTES



Barzinho na Rua da Grécia é ponto de encontro nas sextas-feiras, após expediente da semana

Para que a área também se torne num espaço privilegiado para essas pessoas o Instituto Miguel Calmon (Imic), junto à Associação Comercial da Bahia, entregou há mais de um ano à prefeitura um Programa de Revitalização do Comércio. O seu principal objetivo é transformar o local não apenas num dos mais importantes centros comercial e financeiro da capital, mas também numa área residencial e de lazer, fazendo parte, inclusive, do roteiro turístico do Centro Histórico.

Esse programa, elaborado através de pesquisas junto aos comerciantes, executivos e funcionários teve a participação de técnicos da Prefeitura. A área envolvida no projeto tem cerca de 1,3 km², com início no Solar do Unhão, indo até a entrada do Túnel Américo Simões, com a previsão interdir 42 pontos de que sofrerão modificações como restauração e construção, ampliação do número de vagas de estacionamento e a construção de um flat-service.

Segundo Jorge da Costa, administrador do Imic, após a década de 80 se tem percebido uma

razão parca com a administração municipal, é mais viável do que construir novas áreas comerciais. "O que falta aqui é muito pouco e se a prefeitura investisse parte do IPTU que arrecada no local, boa parte dos problemas se resolveria", denunciou.

Enquanto o programa não sai do papel, os problemas se multiplicam e os comerciantes reclamam da falta de limpeza e estacionamento, dois vilões, que somados à URV e a crise econômica têm afugentado a clientela da Cidade Baixa. Francisco Alcântara, vendedor da loja MM Modas, disse que antes trabalhava numa mesma loja do grupo no Shopping Barra e possuía alguns clientes fiéis, que lhe acompanhavam em qualquer unidade da empresa, mas quando foi transferido para o Comércio essas pessoas não lhe seguiram, alegando falta de estacionamento no local, lamentava. Para Jorge, a situação é grave e muitos escritórios e casas comerciais estão fechando ou sendo transferidos para outros locais, mesmo tendo muitas vezes que pagar mais caro pela locação do imóvel.

Patrimônio secular em decadência

No início do século a área comercial da Cidade Baixa era tipicamente residencial, com seus casarões e sobrados ornados com azulejos lusitanos. Situada entre o morro e o mar, tinha nas ladeiras, no Elevador Lacerda e nos Planos Inclinados, a partir de 1931, o seu elo de ligação com as ruas da Cidade Alta. Do alto, segundo manuscritos da época, dava para sentir o aroma das mercadorias importadas, característico dos armazéns e mercearias que vendiam os produtos vindos da Europa.

Com a reforma e ampliação do cais em 1933, as casas tiveram que recuar e entre ruas e vielas o comércio da região se fortaleceu, auxiliado por um próspero centro financeiro, impulsionado pela instalação de escritórios de importação e exportação, bancos e pelo comércio do ouro. As novas construções mudaram a paisagem colonial inicial e no lugar dos casarões surgiram os grandes edifícios.

De lá para cá, as coisas mudaram e,

nas últimas décadas, a área vem sofrendo um processo crescente de deterioração, sem conseguir chamar a atenção do poder público para socorrê-la do abandono em que se encontra. Para eles, o descaso e a omissão do poder público, associados a um equivocado planejamento urbano, adotado desde 1966, pela Prefeitura, vem transformando a exuberância do centro em perigosa decadência, colocando em risco um patrimônio secular.

Com esse planejamento urbanístico e a aprovação da Lei 3.377 de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Salvador, que proibiu o uso de residências no trecho central da cidade, tornaram escassas as possibilidades de investimento de novas construções, possíveis apenas nos casos de demolição de antigos prédios. Esse abandono tem feito tradicionais lojas fecharem as suas portas, não resistindo à concorrência dos shoppings.